

# ENSAIO

## CONVITE PARA PINTAR — REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO DO ESTÁGIO

**Taís Quevedo-Marcolino**  
Terapeuta Ocupacional

### Resumo:

Este artigo relata uma vivência da autora, na época, estagiária de terapia ocupacional no Hospital-Dia Psiquiátrico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Refere-se à criação de uma oficina de pintura a partir do convite de um de seus usuários à estagiária, e dos significados que surgiram, a partir de então, para os demais envolvidos.

**Palavras-chave:** terapia ocupacional, saúde mental, hospital-dia, esquizofrenia, aprendizagem da clínica

### INTRODUÇÃO

O Hospital-Dia Psiquiátrico da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP é um serviço de atenção em saúde mental de hospitalização parcial que oferece tratamento para pessoas portadoras de problemas mentais em crise aguda ou reagudizada (ODA et al., 1995). Além disso, oferece possibilidades de continuidade do tratamento pós-alta com grupos de psicoterapia, terapia ocupacional e de terapia individual psicoterápica e medicamentosa. Esta estrutura oferece aos seus usuários uma grande variedade de oportunidades nas quais o indivíduo pode construir e reconstruir suas vivências e significados, tanto para a melhora da crise como para a retomada de sua vida fora do hospital.

A história que será contada aqui acontece num momento em que um dos usuários do tratamento pós-alta desenvolveu um projeto de pintura em torno do qual se formou uma oficina de pintura com a participação de outros usuários e da estagiária.

### RELATO

George<sup>1</sup> é um rapaz tímido e introspectivo. Portador de esquizofrenia paranóide, frequentava o grupo de reintegração do programa pós-alta do Hospital-Dia há mais de três anos. Solteiro, com segundo grau incompleto, na época deste trabalho tinha 28 anos. Seu projeto de pintura teve início quando, no

---

<sup>1</sup> George é nome fictício, utilizado aqui para resguardar a identidade do paciente e para melhorar a estrutura do texto.

ano anterior, um amigo que iria se casar pediu-lhe um quadro de presente. Ele sentiu-se na obrigação de pintar e de produzir algo bom, mesmo duvidando que isto fosse possível.

Eu estava no último semestre do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos e no início do estágio em saúde mental quando conheci George e soube que seu projeto envolvia pintura com tinta acrílica. Fiquei muito interessada nesta atividade pois não conhecia a técnica de pintura com essa tinta. Contatos informais entre nós tornaram possível o convite de George para acompanhá-lo na atividade de pintura. Mostrou-se disposto a ensinar o que havia aprendido nos livros nos últimos seis meses, pois até então, também não havia utilizado a tinta. Sendo assim, decidi produzir uma tela também. Ele contou-me que decidiu utilizar o acrílico pois o uso de tinta óleo envolvia procedimentos mais complicados como a utilização de “solventes derivados de petróleo e que ficaria difícil de pintar no espaço do Hospital-Dia” (sic George), estava curioso para experimentar uma tinta a base de água. Relatou também que muitos de seus trabalhos a óleo não haviam ficado bons e que esperava melhorar com a nova técnica. Durante este período de seis meses também havia preparado a tela com gesso acrílico e desenhado a figura de uma paisagem, criação sua, embora com referências de uma revista importada de pintura que possuía. Costumava utilizar a pequena sala de terapia ocupacional para desenvolver esse projeto. Geralmente ficava sozinho pois, no horário em que ele realizava esta atividade, havia poucas pessoas que freqüentavam a sala. Com minha entrada na participação desta atividade e como a sala de terapia ocupacional era muito pequena, George sugeriu que pintássemos no salão ambiente do hospital, onde acontecem todas as reuniões de grupos. Quando não há

atividades nesse salão as portas ficam abertas e os usuários em semi-internação utilizam-no para assistir televisão, jogar jogos de mesa, descansar e conversar. Além disso, é um lugar amplo, com uma mesa para fazer atividades bastante espaçosa.

Nossa mudança para esse local pareceu mobilizar a curiosidade de muitos outros usuários, interessados em saber o que fazíamos. Eles ficavam ao redor enquanto pintávamos, elogiavam o desenho de George. Outros assuntos foram aparecendo, concomitantemente às explicações de George sobre a técnica, a preparação da tela e o uso da tinta, tais como: semelhanças em nossa história de vida - o gosto pela pintura e pelas artes, o colégio técnico - e assuntos com outros usuários - um rapaz engenheiro mecânico que falava do desenho das peças mecânicas e das perspectivas das peças, das expectativas de trabalho com pintura e de outros trabalhos, dos dons de cada um, etc..

Escolhi uma figura para pintar e decidi utilizar a tinta um pouco aguada, sendo que George pintava com a consistência natural. Nas primeiras semanas, tive alguns problemas com a técnica. George parecia muito preocupado com meu possível insucesso e procurava soluções nos livros. Às vezes me falava das soluções, algumas eu achava interessantes, outras eu discordava e fazia à minha maneira.

Tínhamos um jeito muito diferente para resolver as coisas. George era mais sistemático, sempre recorria aos livros e anotações, arriscava pouco, tinha dificuldades em ser objetivo nos problemas e era muito lento nas suas explicações. Ao contrário, eu queria resolver as coisas rapidamente e tentava procurar nos livros somente as coisas que me interessavam. Intrigava-me a pouca informação que ele parecia ter retirado do seu estudo de seis meses. Não compreendia o porquê de toda sua lentidão. Pensava nos motivos que

poderiam ter levado George a caminhar lentamente: talvez pela sua própria forma de ser, talvez porque esse processo precisasse ser lento e significasse algo mais que eu ainda não entendia.

Em nosso trabalho, George fazia comentários sobre os erros que ele estava cometendo e eu também dava opiniões em sua pintura. Neste momento, muitos usuários começaram a pintar também, a participar da “nossa” atividade. Em pouco tempo, formou-se uma grande oficina de pintura. As pessoas escolhiam técnicas diferentes das nossas, pediam informações para mim e para ele. Esse espaço tornou-se significativo no horário da terça-feira às onze horas. Criou-se um clima de alegria, descontração e boa convivência.

Ainda assim, meu relacionamento com George continuou com uma certa particularidade, mesmo quando eu não estava com vontade de pintar, ficava ao seu lado desenhando outras coisas. Parecia que o importante era estar ali. Nossas pinturas estavam ganhando muitas cores, muitas formas e o trabalho rendia. Com o passar do tempo, nossos “jeitos” diferentes encontraram um equilíbrio.

Nesta época, outro fato me chamou atenção. Minha supervisora, a terapeuta ocupacional Rebeca Del Mônico Drummond Ferreira, disse-me que George havia comentado algo importante com ela, “a solidão está me incomodando”. Além disso, ela me contou um pouco sobre a história de dele no Hospital-Dia: há mais de três anos ele participava do programa de pós-alta no grupo de reintegração com pessoas portadoras de esquizofrenia. Durante quase todo esse período, George pouco falava nas reuniões e ficava isolado dos demais participantes. Porém, desde o início deste ano, juntamente com o início do envolvimento no projeto de pintura acrílica, George, aos poucos, tornou-se mais

participativo. Naquele momento, estava conseguindo se colocar mais no grupo e dividir o que pensava e sentia com as pessoas.

Comecei a prestar mais atenção ao que estava acontecendo naquele “espaço”. O fato de George estar incomodado com a solidão poderia estar acontecendo porque o convívio com as outras pessoas fazia com que não quisesse mais ficar sozinho e percebesse a sua solidão e o sentimento que ela lhe provocava. O clima criado com a oficina de pintura, o contato com as pessoas, os elogios recebidos pareciam favorecer este sentimento de George não mais querer ficar sozinho. Toda aquela lentidão que tanto me incomodava no início, mas que também fazia parte de seu modo de ser e agir e que o caracterizava como pessoa, parecia ter sido necessária para que ele pudesse ter desenvolvido condições para a convivência mais participativa em grupo.

Eu terminei meu quadro na última semana do meu estágio, George precisava dar alguns retoques para que seu quadro ficasse pronto. Conversamos sobre o que havia acontecido nos três últimos meses, como havia sido gostoso, sobre os bons momentos. George gostou do seu quadro, ainda apontou alguns detalhes que poderiam ter ficado melhores, principalmente uma certa árvore que, segundo ele, “destoou um pouco da harmonia do quadro”. De qualquer maneira, gostou do que produziu, “embora não considere uma obra de arte” (sic George). Meu quadro também havia ficado bom, comentamos sobre alguns erros e como poderia melhorar para o próximo. Ele ainda chegou a convidar-me para a exposição de Salvador Dali que viria para Ribeirão Preto a partir da outra semana – em que eu não seria mais estagiária... Refiz o convite para que ele fosse comigo e com outros amigos, pois eu já havia combinado com eles. George recusou, sair com pessoas desconhecidas ainda parecia difícil. Despedimo-nos

com um abraço e desejos de felicidades.

## COMENTÁRIOS

Inicialmente, gostaria de comentar que o que me levou a relatar esta experiência foi o encantamento que ela provocou em mim no momento do estágio, como uma experiência de minha própria “transformação”. Algumas outras experiências durante meu processo de formação também tiveram essa característica de transformação, porém esta me pareceu especial. Um pouco talvez por faltar tão pouco para o final do curso, porque fazia estágio numa instituição e com uma clientela que eu estava “curtindo” mas, principalmente, porque me permitiu entrar em contato com vários elementos que compõem o processo de terapia ocupacional. Tecnicamente (se é que neste caso é possível separá-lo das emoções) foi uma descoberta de significados, das possibilidades de significados que o fazer pode assumir e que não é predeterminado, parece como um jogo necessidade x desejo x possibilidade. Como diz MAXIMINO (1995), “fazer junto como uma possibilidade de criar outros sentidos através dos diferentes tipos e qualidades de relação”. A experiência de pintar ao lado de George despertou-me para várias questões que acredito pertinentes dentro do processo de formação terapêutica: perceber-se e perceber o outro, lidar com as diferenças, reconhecer o seu desejo e o desejo do outro, ser facilitador/possibilitador para o outro que busca ajuda em suas experimentações no tratamento, olhar para a tríade terapeuta-atividade-paciente e não somente para um dos lados dela, ou paciente, ou atividade ou terapeuta. A princípio, meu interesse por George deu-se pela pintura, curiosidade de aprender uma nova técnica, além é claro, do próprio desejo pela experimentação, característica do estágio. No entanto, até o momento da intervenção de minha

supervisora não tinha me dado conta de “tudo” o que poderia estar significando esta nossa experiência. Mesmo o ser terapeuta estava camuflado para mim até aquele momento. Foi uma viagem rica em surpresas.

Comentando sobre o processo de George, parece-me que a própria mudança da tinta e da técnica de pintura à qual ele estava acostumado e “que a maior parte de seu trabalho com a técnica antiga não havia ficado bom” parecem buscar alguma mudança, uma mudança maior, na vida, para que algo fique bonito e possa ser oferecido a outro como presente. Pensando sobre a experiência da esquizofrenia nas palavras de FERRARI (1997), o psicótico é “alguém que não tem posse de sua história, que na ausência de um discurso próprio repete um discurso familiar, único que lhe foi dado, impossibilitando-o de conhecer e contar sua origem... a busca desesperada de um sentido para si, ..., algumas tentativas de reconstrução, na maioria das vezes sem êxito.”, a fala de George de que “tudo o que tinha feito com a técnica antiga havia ficado ruim” parece denunciar essa história sem êxito e a mudança da técnica talvez apareça como uma outra tentativa de reconstrução.

O pedido do amigo, que segundo a terapeuta ocupacional Rebeca, pareceu ter sido em tom de brincadeira e que, no entanto, George levou a sério, como um desafio, uma **provocação**<sup>2</sup> (MAXIMINO, 1997), fala um pouco de sua história. Ele pintava anteriormente e, mesmo achando que suas telas à óleo

---

<sup>2</sup> Segundo MAXIMINO (1997), “...grupos e atividades realizadas na terapia ocupacional possuem uma ‘potência de provocação’...” / as atividades teriam um potencial provocativo / provocação como aquilo que afeta / provocação produtora = aumento de estímulos que pede uma ação e que pode conectar idéias. Portanto, esse termo foi utilizado aqui não como decorrente de uma atividade, mas como um pedido de ação, ressonante em G. como uma necessidade de fazer algo por si.

não haviam ficado boas, este amigo não achava o mesmo. Ficam aqui questões sobre a quem pertencia o discurso de que o que George pintava/fazia era ruim? De qualquer maneira era assim que ele via e se relacionava com o que produzia.

Na verdade, parece que a aceitação da “provocação” do amigo culminava com um momento na vida de George de possibilidade de abertura para o **social** ... afinal, há três anos ele freqüentava um grupo de **reintegração** juntamente com outras pessoas que traziam problemáticas semelhantes às dele. Era um grupo para o SOCIAL. Não é a tinta em si que provocaria a “melhora da pintura”. Algo mais precisaria mudar, talvez o olhar para o que se produziu, talvez uma experiência diferente do pintar. Outra mudança concreta e significativa que se insere nesta abertura para o social foi o fato de sair da pequena sala de terapia ocupacional - “espaço de um” - e ir para o salão ambiente do hospital - “espaço de todos”.

Minha participação conjunta parece assumir um papel não somente como aprendiz da técnica, pois na verdade ele mesmo não tinha utilizado a tinta e seu conhecimento vinha somente dos livros, mas como companheira numa caminhada que parecia ter um significado especial. Remetendo-me à teoria, parece ter surgido entre nós uma relação que permitiu um ambiente seguro e confiável. George, eu e as atividades, uma relação que possivelmente o ajudou a adquirir condições que o fortaleceram para o contato com o outro, mesmo porque após minha saída, a oficina de pintura continuou. A solidão para George e, de uma maneira mais abrangente, a solidão para os portadores de doença mental grave, embora seja um sentimento dolorido, só é sentida em relação a outros, diferenciando o outro de si mesmo, criando um espaço para si e um espaço para o outro. George estava percebendo sua solidão e o sentimento que ela lhe

provocava!

Ainda sobre minha participação e sobre o conhecimento da técnica das atividades: “... a partir do conhecimento da técnica, instrumentar o paciente para que este tenha oportunidade de vivenciar acontecimentos e entrar em contato com conteúdos expressivos inacessíveis até o momento... com o intuito de incentivar a experimentação de novas formas do fazer, de criar, de captar o mundo, trocar, relacionar-se com a sua própria produção e com outros...”(FERRARI, 1997, p.11). Nesta minha experiência com George, o que valorizo a respeito do aprender-ensinar a fazer atividades foram: a) o fazer atividades como facilitador da relação, b) a relação de igualdade, no sentido de não haver hierarquia, desconstruindo a idéia do paciente que não tem a oferecer e somente recebe no tratamento (quem entrou de aprendiz da técnica foi a estagiária-terapeuta), c) fazer atividades como possibilidade de trocas. De qualquer maneira, o conhecimento prévio de “técnicas de pintura” foi importante porque pôde dar suporte a possíveis insucessos, a possíveis “perdas e desencontros” caso nenhum dos dois tivesse pego num pincel antes.

Esta falta de hierarquia na aprendizagem da técnica, pode ser exemplo também do estilo e da proposta de tratamento que a própria instituição oferece “... um grupo não tem existência autônoma, separado da realidade na qual está inserido ... a compreensão ... (deve) levar em conta a instituição na qual se insere ... rede de relações que se materializam em práticas concretas” (MAXIMINO, 1997, p. 114). Penso que a compreensão de qualquer outra abordagem terapêutica, não somente grupos, necessite levar em conta a instituição na qual se insere. O Hospital-Dia enquanto instituição de atenção em saúde mental busca utilizar os conceitos da comunidade terapêutica, numa proposta de tratamento mais humanizada. Leva em conta o cotidiano



das pessoas e se oferece como lugar de experimentação de vida para seus usuários possibilitando vivências interpessoais que propiciam uma dinâmica em busca de experiências terapêuticas como a relatada. Foi nesta instituição que George encontrou a possibilidade de construir esta vivência que se tornou parte de sua história.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como finalização deste trabalho, gostaria de ressaltar novamente o quanto esta vivência também se tornou parte da minha história. As reflexões que me foram possíveis nesse momento a respeito do que vivemos, George e eu, ajudaram-me a finalizar todo um processo vivido, experimentado, sofrido, gritado,

prazeroso destes anos de graduação. Fico feliz por ter finalizado o curso de Terapia Ocupacional levando comigo além de questionamentos, ricas experiências.

Acredito que este tipo de trabalho possa contribuir para estudantes e professores refletirem sobre a aprendizagem no contexto terapêutico e no contexto do estágio (o aprender do terapeuta, o aprender do paciente). Espero que este relato de experiência possa servir também como incentivo para que, cada vez mais, terapeutas ocupacionais relatem suas histórias pois acredito ser um caminho bastante interessante e de grande importância na construção do conhecimento em nossa profissão.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENNETTON, Maria José. **Trilhas associativas – ampliando recursos na clínica da terapia ocupacional**. São Paulo, CETO – Centro de Estudos de Terapia Ocupacional e Diagrama&Texto, 1999, 141 p.
- DI LORETTO, Osvaldo. **Comunidade terapêutica: atualização clínica**. Palestra proferida no evento de comemoração dos 25 anos do Hospital-Dia da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, no dia 27 de maio de 1999.
- GALLIO, Giovanna, GIANNICCHEDDA, Maria G. et al. **A Instituição Aberta / A Instituição Fechada**. Texto do livro: La Libertá é terapêutica? L'esperienza psichiatrica di Trieste. Itália: Feltrinelli Editore, 1983. Tradução Fernanda Nicácio e Roberto Tykanore, 1984. Revisão Glória
- N. Velasco Maroto, 1988. Mimeo – uso didático.
- FERRARI, Sonia Maria Leonardi. **Terapia Ocupacional: Integração e Produção do Saber. Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional**, V 1, n 1, p. 08-09, 1995.
- FERRARI, Sonia Maria Leonardi. **A ancoragem no caminho da psicose: um estudo clínico do uso de atividades e sua compreensão no tratamento de psicóticos. Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional**, V 2, n 2, p. 09-15, 1997.
- MAXIMINO, Viviane Santalucia. **A Constituição de Grupos de Atividades com Pacientes Graves. Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional**, V 1, n 1, p. 27-32, 1995.
- MAXIMINO, V.S. **A Constituição de Grupos de Atividades com Pacientes Psicóticos**. Tese

(Doutorado em Saúde Mental), Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, 1997.

NUNES FILHO, Eustachio Portella, BUENO, João Romildo, NARDI, Antonio Egidio. **Psiquiatria e Saúde Mental. Conceitos Clínicos e Terapêuticos Fundamentais**. São Paulo, Atheneu, 1996. 279 p.

ODA, Ana Maria G. Raimundo, BANZATO, Cláudio Eduardo Muller, CONTEL, José Onildo. Hospital-Dia. In: MENDES, Afrânio de Carvalho, ODA, Ana

Maria G. Raimundo et al. **Serviços de Saúde Mental no Hospital Geral**. Campinas, Papirus, 1995, p. 83-95.

PIERGROSSI, Julie Cunningham, GIBERTONI, Carolina. A importância da transformação interna no processo de atividade. **Revista do Centro de Estudos de Terapia Ocupacional**, V. 2, n2, p. 36-43, 1997.

#### ABSTRACT

This article relates a clinical practice of an occupational therapy student at the Psychiatry Day-hospital from Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. It is about the creation of a painting group when a patient invited the occupational therapy student to paint with him. It also includes some commentaries about the meaning of this experience for both of them.

**Key words:** occupational therapy, mental health, day-hospital, schizophrenia, learning, clinical practice